

Em SEGREDO

Em
SEGREDO



Georges Chevrot

2ª edição



QUADRANTE

Título original
En secret

Copyright © 1991 by Marcel Chevrot, Paris

Capa
Gabriela Haeitmann

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Chevrot, Georges

Em segredo / Georges Chevrot. – 2ª ed. – São Paulo : Quadrante, 2022.

Título original: *En secret*.

ISBN: 978-85-7465-405-8

1. Vida cristã 2. Religião. I. Título

CDD 248.4

200

Índice para catálogo sistemático:

1. Vida cristã : Cristianismo 248.4
2. Religião 200

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270
CEP 01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

Sumário

Em segredo.....	9
A retidão de intenção	17
Vanglória.....	25
A caridade fraterna	33
O tempo da oração.....	41
O lugar da oração	47
O encontro com Deus.....	55
A oração confiante.....	65
A oração sincera	75
A paternidade de Deus	85
A fraternidade humana.....	93
A adoração	101
O reino de Deus.....	109
A nossa ação missionária.....	117
Fazer a vontade de Deus	125
Querer o que Deus faz.....	133

O pão nosso	141
O perdão de Deus	149
O perdão do homem	157
A tentação	165
A libertação	173
O significado do jejum	183
O ascetismo Cristão	191
A luz interior	199
Viver no presente	207
O valor de um dia	215

PRIMEIRA PARTE

Em segredo

Guardai-vos de praticar a vossa justiça diante dos homens, para que vos vejam; de outro modo, não tereis recompensa diante do vosso Pai que está nos céus.

Quando, pois, deres esmola, não vás tocando a trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem louvados pelos homens; em verdade vos digo, já receberam a sua recompensa. Mas tu quando deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a direita, para que a tua esmola fique em segredo, e teu Pai, que vê o que se passa em segredo, te recompensará.

E, quando orardes, não sejais como os hipócritas, que gostam de orar em pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens; em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa. Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, ora a teu Pai, que

está em segredo; e teu Pai, que vê o que se passa em segredo, te recompensará.

E, orando, não sejais loquazes como os gentios, que pensam que serão escutados por causa do seu muito falar. Não vos assemelheis, pois, a eles, porque vosso Pai conhece as coisas de que necessitais antes de lhas perdirdes [...].

Quando jejuardes, não vos mostreis acabrunhados como os hipócritas, pois desfiguram o rosto para que os homens vejam que jejuam; em verdade vos digo: esses já receberam a sua recompensa. Mas tu, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto, para que os homens não vejam que jejuas, senão só teu Pai, que está em segredo; e teu Pai, que vê o que se passa em segredo, te recompensará.

Mt 6, 1-18

Em segredo

*E teu Pai, que vê o que se passa em segredo,
te recompensará.*

Mt 6, 4

O discurso com que Cristo dá início à sua pregação, habitualmente chamado «Sermão da Montanha», começa pelas *Bem-aventuranças*, em que o Mestre ensina o que os cristãos *devem ser*: homens completamente dedicados a Deus, livres e corajosos, independentes e ativos, de uma consciência reta, de um caráter íntegro e de um coração cheio de bondade. Depois de apontar aos discípulos o que devem ser, Cristo indica-lhes *o que devem fazer*, pois não podem contentar-se com uma virtude mediana. Com a autoridade que recebeu de Deus, (*Eu, porém, vos digo...*), promulga os mandamentos da «nova lei», que não é mais do que a moral eterna, mas vivida até a perfeição, com um espírito novo. Ao egoísmo ancestral, o discípulo deve

substituir a caridade que leva à santidade. Já comentamos em outra obra as duas primeiras partes deste discurso¹.

Seguindo o texto de São Mateus, daremos ainda mais um passo na escola do Mestre, que agora nos ensina que a verdadeira perfeição não consiste na minuciosa exatidão com que se cumprem os deveres. O que qualifica uma ação é, antes de mais nada, a intenção do autor, como Cristo nos explica, servindo-se do exemplo de «três obras de justiça», entendendo por tais as que tornam o homem justo aos olhos de Deus: a esmola, a oração e o jejum. Observadas durante séculos pelo povo judeu, essas obras passaram, como é natural, para os hábitos do povo cristão. Todos os anos, durante a Quaresma, a Igreja lembra-nos a obrigação de as cumprirmos.

É digna de nota em primeiro lugar a forma simétrica desses três parágrafos. À cabeça vêm os homens que procuram a admiração do público e que Jesus nos proíbe de imitar. O final da frase constitui a sua condenação: *Em verdade vos digo, já receberam a sua recompensa*. Depois, Cristo define as únicas disposições que são agradáveis a Deus, e também esta segunda parte termina, pelas três vezes, da mesma maneira: *...e teu Pai, que vê o que se passa em segredo, te recompensará*.

Não é inútil observar a ordem por que são apresentadas as três obras. À pergunta: «Como se reconhece que uma pessoa é religiosa?», muitos respondem com certeza:

(1) Cf. Georges Chevrot, *O Sermão da Montanha*, 2ª ed., Quadrante, São Paulo, 1988.

«Porque reza». Não é a oração a característica e o primeiro dever do fiel? Cristo, porém, menciona-a apenas em segundo lugar. No capítulo precedente (cf. Mt 5, 23-24), tinha ordenado ao cristão que, quando fosse apresentar a sua oferenda diante do altar, se se lembrasse de que o seu irmão tinha alguma coisa contra ele, deixasse a oferenda diante do altar e fosse primeiro reconciliar-se com o irmão; e viesse depois apresentar a sua oferenda. É indubitável que primeiro se deve servir a Deus, mas a caridade para com o próximo faz parte do amor a Deus. Por outro lado, se a sinceridade da nossa oração exige que tenhamos caridade com os outros, exige também que obedecemos inteiramente aos mandamentos de Deus. Portanto, é indispensável recorrermos a uma disciplina firme para não cometermos o mal. Esta disciplina, cujo modelo clássico é a abstinência (ou o jejum), pode assumir, como havemos de ver, formas diversas.

As três obras de religião referidas pelo Senhor reclamam-se e ligam-se umas às outras. A esmola não dispensa a oração, como a austeridade não substitui a caridade fraterna. Cristo não as classificou por ordem de valor; nesse caso, a oração teria sido a primeira; classificou-as por ordem de execução. O discípulo de Cristo deve ter caridade, deve rezar e deve mortificar-se.

Mas o que deve atrair a nossa atenção é a condição essencial apontada por Cristo, quando diz que cada uma dessas obras deve ser realizada *em segredo*. Entre nós e o Pai, que vê o que se passa em segredo, não deve interpor-se nenhuma influência estranha, nenhum testemunho indiscreto, nenhum desejo pessoal: «Que as tuas boas obras fiquem *em segredo*. Ora a teu Pai, onipresente, *em segredo*.

Não mostres que jejuas; mostra-o apenas ao teu Pai, que vê o que se passa *em segredo*». Desta insistência propositada depreendem-se ensinamentos vários sobre o nosso comportamento religioso e, em primeiro lugar, a convicção de que a vida cristã é uma «vida oculta». São Paulo, ao analisar os efeitos do batismo, que nos une à morte e à ressurreição de Cristo, escreve assim: *A vossa vida está escondida com Cristo em Deus* (Cl 3, 3).

Pode perguntar-se, então, como é que o nosso cristianismo há de constituir um testemunho. Viver como cristãos há de ser mostrar a nossa fé em todas as circunstâncias. Ainda que não constituísse um dever, o verdadeiro fiel experimentaria sem dúvida o impulso interior de fazer com que os outros participassem das suas convicções e do seu entusiasmo. Reparemos, porém, no nosso modelo.

Cristo foi extraordinariamente discreto. Falou ao mundo apenas durante três anos. Do resto da sua vida, podemos dizer que nada sabemos. Apenas por um instante, aos doze anos, levantou levemente o véu com que escondia a sua personalidade, e fê-lo para dizer a Maria e a José que devia *ocupar-se das coisas do Pai* (Lc 2, 49). É tudo o que conhecemos de uma vida que, apesar de completamente semelhante à nossa, já vinha operando a redenção dos homens. No silêncio de Nazaré, rezava, trabalhava, era bom filho, bom companheiro, bom artífice: e assim fazia andar «as coisas do Pai» e começava a transformar o mundo.

Começada a vida pública, prega a mensagem que veio transmitir aos homens. Foge, porém, da publicidade. Quando cura um leproso, diz-lhe: *Não o digas a ninguém*

(Mt 8, 4). Faz a mesma recomendação quando ressuscita a filha de Jairo: *Recomendou-lhe com insistência que ninguém o soubesse* (Mc 5, 43). Não tem pressa em falar de si. Os discípulos esperaram dois anos para que lhes desse a conhecer a sua natureza divina. E quando foi necessário dar dela uma ideia aos três Apóstolos a fim de os convencer, proibiu-os, ao descer da montanha onde se tinha transfigurado diante deles, de falar dessa visão antes de ressuscitar dos mortos. A quem queria associar-se à sua obra, dizia: *Vem e segue-me* (Mc 10, 21). Segui-lo era desaparecer, escutá-lo em segredo, refletir e permanecer em silêncio.

Também para nós a vida cristã é, em primeiro lugar, uma vida oculta. Não poderemos seguir Cristo se não fizermos silêncio no nosso dia, para nos unirmos a Deus *em segredo*. O silêncio é a atmosfera da santidade. É certo que o Mestre nos mandou dar testemunho dEle, mas, se não tivermos vida interior, não poderemos fazê-lo. É frequente confundir o apostolado com a propaganda, de modo que, sob o pretexto de dar testemunho da fé, se desencadeiam polémicas acesas que raramente convencem.

Estamos persuadidos de que transmitimos aos outros aquilo que *sabemos*. A intenção é digna de louvor, mas temos necessidade de silêncio, para vermos a verdade antes de a comunicarmos, e a fé não instrui a não ser na meditação e na oração. A ação eficaz consiste em dar aos outros aquilo que somos, o que a fé fez de nós; e, como a ação se apodera de nós, absorvendo-nos e distraíndo-nos, corremos o risco de desdobrar a nossa personalidade. É necessário recolhemo-nos com frequência a nós com Deus. Para podermos conduzir-nos exteriormente como católicos, temos primeiro de viver interiormente como cristãos. A vida

cristã desenvolve-se *em segredo*, como é no segredo da terra que a planta germina e prepara a cor das suas flores e o sabor dos seus frutos.

Não se pode cair na impertinência de ver uma contradição entre a necessidade de discrição e a ordem que Cristo nos dá de sermos a luz do mundo. Se o cristão oculta as esmolas que dá, fecha a porta do quarto para que não o vejam rezar, esconde a severidade dos jejuns sob o perfume dos cabelos, a sua conduta não deixará de servir de exemplo aos outros? Seria uma interpretação errônea do pensamento de Cristo.

O Senhor não conta com a nossa ostentação para ensinar os outros; conta com a nossa *vida interior*. A nossa conduta será tanto mais edificante quanto menos precipitada for. O bem que fazemos é o bem que ignoramos, porque não pensamos em «nos mostrar». O apostolado não é uma atitude, é irradiação de uma chama interior. Na realidade, só Deus pode atuar sobre a alma dos nossos irmãos; nós não passamos de instrumentos. Não somos nós que influímos nos outros, é Deus por nosso intermédio, pelo que faz de cada um de nós no segredo da nossa vida pessoal. Ele nos pede unicamente que cumpramos o nosso dever. O resto é com Ele. É indubitável que os homens hão de reparar em nós; mais, observam-nos. Não podemos evitar os seus olhares, dizia o Mestre, assim como uma cidade situada sobre um monte é necessariamente vista de todas as redondezas. Mas se lhes mostramos o bem que fazemos, veem-nos a nós e louvam-nos. Se, pelo contrário, trabalhamos para Deus, sem a preocupação de sermos vistos pelos homens, os homens verão a

Deus por nosso intermédio.

O público poderá conhecer a nossa liberalidade e as nossas práticas religiosas: os frutos da nossa vida interior pertencem a todos. Porém, devemos conservar escondido o trabalho da seiva que os fez nascer e as condições que os fizeram amadurecer. Se se descobre a terra que a esconde, a semente murcha e morre. Os homens podem ver o que Deus faz e ficar edificadas de o ver: mas o que nós fazemos para Deus e o que Deus faz em nós, não devemos dá-lo a conhecer a ninguém. É um *segredo* entre Ele e nós. O silêncio é a castidade das almas.

É bom ouvir Cristo dar-nos a certeza de que não é necessário fazermos barulho, sermos vistos em toda a parte, que falem de nós. Onde Deus nos colocou, na nossa família, entre os mil afazeres do dia a dia, no escritório, na oficina, no banco do artífice ou na cozinha – na obscuridade do nosso dia –, *em segredo*, podemos dar glória a Deus e servir os nossos irmãos, que é nisso que consiste a vida cristã.